

São essas transformações que fazem da economia cafeeira o centro de uma rápida **acumulação de capital baseada no trabalho assalariado**. E é como parte integrante dessa acumulação de capital que nasce a indústria no Brasil" (p. 80/1).

Sobre as origens dos empresários industriais, identifica nos imigrantes voltados ao comércio importador o núcleo da burguesia industrial nascente. Este fato, já revelado por pesquisas anteriores, reforça a hipótese do trabalho e permite concluir: "A questão essencial para o entendimento da indústria nascente reside na posição dominante do comércio na economia brasileira da época; em particular, ela reside nas formas específicas da dominação do comércio, que resultam da hegemonia do capital cafeeiro e da subordinação da economia brasileira à economia mundial" (p. 97).

Esta perspectiva permite, de imediato, enfrentar o problema das relações entre economia cafeeira e indústria nascente. Lembra o Autor duas teses opostas no tratar a questão: a que vê na economia cafeeira "obstáculo" ao desenvolvimento da indústria e aquela que encontra no café um estímulo à industrialização. Por meio da crítica a essas teses, o Autor pode concluir que "... as relações entre o comércio exterior e a economia cafeeira, de um lado, e a indústria nascente, de outro, implicam, ao mesmo tempo, a unidade e a contradição. A unidade está no fato de que o desenvolvimento capitalista baseado na expansão cafeeira provoca o nascimento e um certo desenvolvimento da indústria; a contradição, nos limites impostos ao desenvolvimento da indústria pela própria posição dominante da economia cafeeira na acumulação de capital" (p. 103).

Finalmente, ao estudar a natureza da industrialização no Brasil, o Autor nega a repetição, no caso, do esquema evolutivo artesanato-manufatura-indústria. Pela análise dos dados de 1907 e 1920, pode-se evidenciar o predomínio da grande indústria, mesmo nos momentos iniciais da industrialização. Esta forma de desenvolvimento, possível pela disponibilidade de técnicas e equipamentos importados, permite também rápida acumulação para o capital industrial, acumulação essa que, no entanto, se limita ao setor de bens de consumo, sem resultar no aprofundamento para o setor de bens de produção.

Ao restringir o período do estudo de fins do século XIX até 1930, o Autor não avança rumo às mudanças posteriores à Grande Depressão dos anos trinta. Acreditamos, todavia, ser a linha de desenvolvimento aí traçada ponto de partida adequado para essa análise, centro de tantas controvérsias na historiografia brasileira.

Pensamos, ainda, que, ao lado das proposições aqui levantadas, o leitor poderá encontrar no livro de Sérgio Silva, outras tantas de igual importância. E todas elas aparecem, a nosso ver, como problemas capazes de originar pesquisas adicionais por meio, talvez, de fundamento empírico mais minucioso. O que constitui outro motivo a sugerir a leitura desta obra. — **Flávio Azevedo Marques de Saes.**

XAVIER, Jayro José — **Idade do Urânio. Cinco epístolas em tom de elegia.** Apresentação de Antônio Houaiss. Livraria Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1974 (67 pp.).

Estes tempos não são propícios a poetas e poesias. Mais difícil torna-se, a cada dia, coexistir com os riscos crescentes da incineração telúrica que se avizinha. Tudo faz crer que, deliberadamente, programamos a nossa própria extinção! Já se degusta, quase sem alento, este gosto de estrôncio e pólvora com que o homem acena ao próprio homem. E que é feito dos salgueiros e azinheiras — nos dizemos, se as sombras que margeiam os caminhos pouco se prestam ao repouso e ao lazer... Nada ficou do tempo em que o nativo possuía a terra e o colonizador, a Bíblia, quando mundo e searas eram

repartidos. O orbe estreitou-se, e desliza para um ponto no horizonte, vivível e próximo, onde iremos chorar nossa agonia em trágico ritual de passagem:

homem contemporâneo/ orgânica pedraria/ ralando a carne no chão/ voltando ao ventre da terra/

terra-mãe dilapidada/ salgada do choro dos mansos/ sem húmus de criação/ se atrofiando/ e parindo insetos/ engordando vermes/ metamorfose profana/ debaixo dum sol maduro/ existência apodrecida/ comunicando doença/ às gônadas do universo

medra pela geografia/ o mofo amargo da fome/ bomba caindo do céu/ no rastro do negro-e-amarelo/ luz brilhante de napalm/ fazendo possível à noite/ a leitura do evangelho/

depois/ nem vírus nem vida/ silício/ crostas cozidas/ flautas de pedra/ flautas/ que só o vento há de tocar

Esta é a denúncia espasmodicamente sofrida e cantada com que nos contamina **Idade do Urânio**.

Mas este tempo é propício a poeta e poesia desde que se saiba como desentranhar, em meio a tanto descompasso, a Arte mais depurada e conseqüente. É quando somos levados, por mão de poeta "que nos dá poemas como objetos acabados", da descença ao exercício do reler e repensar. Do amorável diálogo com o **jovem Fábio**, e que também é lâmina a rasgar-lhe a própria carne, flui a mundivivência incontinida do artista, enovelada das coisas do amor e da paz. Tomando à **Idade do Ouro** verbo e metro, recria o artifício, em preciosos ludismos sonoros, o mito moderno, e anatomiza-o sem didatismo rangoso ou burocracia de mitemas — vícios herdados do Velho Mundo, dos quais uma nova cultura divorcia-se com dignidade. É dicção precisa, há muito retida na garganta por força de grosseiros equívocos sociais, e da qual pode beneficiar-se o próprio urânio indígenu.

Aqui e ali encontramos a espécie humana remolda do drama que a envolve. Porque para Jayro, que transcendeu os estreitos limites do chão que pisa, é o ser e o mundo que importam. E, em importando, deita língua abrasada contra os desvarios com que se debatem lãta e Tordesilhas, bambu e ferro, eurodólares e petrodólares, "urbis et orbis". Do rio que engendrou as águas correm de Saigon a Arlington, Pretoria a São Tiago, e continentes: uma estrada avessa a esses tempos e histórias. É visão tão desencantada do triste enredo do homem moderno que o adolescente **Fábio**, temeroso, consimesma-se sob o pólem das "flores de pus", crescendo mais altas que o sol. A denúncia é palpável, iniludível, **Bandeira**, como a morte que nos espreita.

Para onde nos leva Jayro... Sua voz de vate é o reencontro com a lucidez perdida na terra-pátria, na terra. E de súbito, do ruminar dos computadores apreendemos ainda ser preciso repolir a pedra para entrar na História; que, assentado em Roma, Cristo não fez respeitar os direitos do homem; que os poderes temporais institucionalizaram o dolo e o genocídio; e que nada nos resta senão chorar baixinho por vermos, verso a fora, o reverso do que tínhamos a repartir, exaurindo-se em cerimonial antropofágico. Essa é uma idade em nada dadivosa! De quantas o orbe conheceu, "a mais triste e do pior metal: a que sobrevém no final do ciclo, após os rigores do alongado inverno".

No mundo que dos homens era, o desterro é lugar comum. Mas Jayro convida-nos à outra margem, onde poucos se põem. Liberto de ortodoxias e engajamentos, formula o repto. Se o seu soluço ecoar no silêncio úmido do mundo, e se as suas palavras germinarem, juntos ainda iremos todos